

# A PRODUÇÃO TEXTUAL NO PRONERA: ENTRE O LINGÜÍSTICO E O CONTEXTO SOCIAL

Vera Regiane Brescovici Nunes<sup>1</sup>  
Solange Salete Tacolini Zorzo<sup>2</sup>

**Resumo:** Esta comunicação é o resultado do Projeto de Pesquisa e Extensão que foi aplicado aos alunos de Agronomia do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), realizado em convênio com a Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IX – Barreiras - BA. A aplicação desse projeto forneceu o *corpus* deste trabalho. Nessa perspectiva, as discussões são iluminadas pelos pensamentos teóricos de autores como Fairclough (2008), Maingueneau (1997), Holanda (1976), entre outros, que contribuíram, em uma análise interdisciplinar, para a compreensão do *ethos* social implícito e explícito nos discursos dos alunos do PRONERA, a partir das oficinas aplicadas no projeto. Discute também a falta de políticas públicas educacionais para o homem do campo e a deficiência do currículo nos cursos modulares em Agronomia, com relação a falta de Componentes Curriculares que trabalhem com o aprimoramento da leitura e da escrita. Destaca, ainda, esses discursos como uma prática social de resistência do pequeno e do médio produtor de Agricultura familiar. Desse modo, este trabalho analisa as faces e as representações do discurso desses alunos no contexto cultural de formação do profissional de Agronomia.

**Palavras-chave:** Produção Textual. Discurso. *Ethos* Social. Cultura. Currículo.

## INTRODUÇÃO

De acordo com o Projeto Integrado em Agropecuária Sustentável, a educação formal que foi negada ao homem/mulher do campo, hoje, insistentemente, torna-se motivo de luta e conquista. Era preciso ir além, pois a superação de uma estrutura fundiária arcaica, dominada pelo mini-fúndio e pelo latifúndio; a superação de um modelo de exploração baseada em relações de trabalho pré-capitalistas demandava a formação de quadros capazes de propor configurações alternativas dos espaços de poder. Daí a necessidade de estabelecer uma nova trincheira: a educação. Não a educação urbanizada, mas educação que considere a cultura, as características, as necessidades dos que vivem no campo. Uma educação específica, diferenciada, portanto alternativa e com qualidade. Uma educação que considere o processo de formação humana, que construa referenciais culturais e políticos para intervenção das pessoas e dos sujeitos sociais na realidade, visando a uma humanidade mais plena e feliz.

---

<sup>1</sup> Professora substituta da Universidade Estadual da Bahia – Arte Educadora e mestranda em História - PUC – Goiás. veraregiane@yahoo.com.br. (77) 9119-8464.

<sup>2</sup> Professora Substituta da Universidade Estadual da Bahia – UNEB – Especialista em Expressões Literárias em Língua Portuguesa – FJC – Barreiras. solange\_zorzo@hotmail.com. (77) 9129-7224.

Essa educação reflete-se de alguma forma nos discursos críticos dos alunos de Agronomia do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). A partir desses discursos, a primeira parte deste artigo situa o leitor tanto na caracterização do PRONERA quanto na estruturação do currículo do Curso modular de Agronomia oferecido pela UNEB em que é salientada a falta de componentes que ensinem a produção textual, fato esse que diante dos desafios de uma nova realidade, tem-se constituído um problema muito sério na medida em que um aluno, concluinte do ensino superior, não consegue construir de forma coerente um texto. A segunda parte faz uma análise do *ethos* social daquele grupo específico. Para isso, utiliza elementos explícitos e implícitos constantes nas produções textuais dos alunos. A partir da análise dos conectivos, isto é, dos morfemas que têm por função ligar dois enunciados, presentes nas produções, pode-se avaliar a semântica constitutiva do discurso e, conseqüentemente, da elucidação do *ethos* social constituinte do locutor e do enunciado. Finalmente, concluímos apontando esses discursos como uma prática social de resistência do pequeno e do médio produtor de Agricultura familiar em detrimento à hegemonia dos grandes Agricultores.

Não pretendemos elaborar uma abordagem linear e descritiva, mas assumir uma experiência social, entendendo-a como complexa, contraditória e múltipla, com a preocupação de (re)ativar a importância da leitura e da escrita para a formação do futuro profissional de cursos modulares de bacharelado. Além de ilustrar percursos teóricos e metodológicos, a presente publicação constitui a soma do trabalho das professoras e dos alunos do curso de Letras que se dedicaram aos estudos do discurso e à aprendizagem competente da leitura e da escrita, privilegiando as relações intrínsecas e extrínsecas entre o lingüístico e o contexto social.

## **O CURRÍCULO DE FORMAÇÃO, A LEITURA E A ESCRITA**

A dificuldade em elaborar um discurso coerente que facilite a inserção no mundo globalizado acentua-se no homem do campo devido ao próprio contexto a que se insere. Para historiadores como Holanda (1976) e Aquino; Lopes; Lemos (1986) a vida do homem do campo, teve sempre um caráter estóico que contou com a indiferença e conivência da cultura urbana. Todo o complexo quadro sociocultural do meio agrário sempre foi facilitado pelo baixo nível de escolaridade e pelo caráter reprodutor das

condições e dos valores urbanos nos modelos pedagógicos implantados naquele meio. A necessidade de um modelo de educação que contribuísse para o rompimento do ciclo de dominação no meio agrário e possibilitasse construir ali um modo de vida digno e alicerçado nos direitos fundamentais do homem, onde fosse possível viver por opção e com qualidade de vida em todos os sentidos, foi uma das questões discutidas por educadores como Freire (1986). Independentemente do modelo de educação levado ao meio agrário, os níveis de escolaridade ali constatados ainda são extremamente modestos.

Face às demandas de mão-de-obra cada vez mais especializada, são freqüentes as manifestações exigindo políticas educacionais para o meio agrário. Somente nos últimos anos é que estão surgindo propostas que contribuem para aumentar o nível de escolaridade neste meio. Em 1988, resultado de lutas de movimentos sociais e sindicais de trabalhadores e trabalhadoras rurais, nasceu o PRONERA, que garante o acesso de trabalhadores em diferentes níveis de ensino. Enquanto política pública, o PRONERA se fundamenta na gestão participativa e na descentralização das instituições públicas envolvidas na educação. Seu objetivo é fortalecer o mundo rural como território de vida em todas as suas dimensões: econômicas, sociais, ambientais, políticas, culturais e éticas. O PRONERA / UNEB prevê o desenvolvimento de um processo de educação e capacitação de jovens e adultos, em áreas de assentamentos de reforma agrária, de forma continuada, estendendo a formação dos assentados/as da alfabetização até a educação superior.

O curso de Agronomia, PRONERA/UNEB, funciona em regime modular, os alunos ficam alojados no próprio departamento. O semestre dura em média três meses, nesse período assistem aulas em regime integral (práticas e teóricas). Após o término retornam para o assentamento onde aplicarão os conhecimentos acadêmicos adquiridos à sua prática. Percebe-se que por ser modular não há uma integralização dos alunos com os demais do curso regular. O currículo que norteia o curso volta-se para conteúdos pragmáticos. Esta valorização dos conteúdos programáticos revela o predomínio da racionalidade técnica e instrumental, comprovado através da pesquisa, pela dificuldade encontrada na elaboração de um simples parágrafo.

Tal postura pode ser explicada pela preocupação de Schön (2000) em relação à necessidade de se formar profissionais capazes de atuar mediante as zonas indeterminadas da prática – a incerteza, a singularidade e o conflito de valores. Mas muitas vezes não é considerado o discurso, o nível da produção científica que esse

profissional irá realizar, quando na sua inserção ao mercado de trabalho. A nova lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, (LDB 93/94 de 1996) propõe um ensino semiotizado em que se valorize no indivíduo toda a sua idiossincrasia. Que tenha fundamentação para enfrentar os desafios que surgirão no decorrer de sua trajetória profissional e pessoal.

O currículo nos cursos de formação modular deve ser repensado com relação a falta de Componentes que ensinem a produção textual, diante dos desafios de uma nova realidade, tem-se constituído um problema muito sério na medida em que um aluno concluinte do ensino superior não consegue construir de forma coerente um texto. Como é que esse aluno construirá seu discurso enquanto engenheiro agrônomo? Isso pode se reverter em exclusão, para Apple ( 1997), a inclusão é um passo importante para superar a submissão histórica a que está submetida a educação do campo.

Embora sejam ainda reduzidos os trabalhos relativos ao currículo e à formação de nível superior, já existem literaturas publicadas em relação à limitação de modelos de formação, baseados na reprodução de conhecimentos específicos das profissões. As expectativas de perfil para fazer frente aos desafios da sociedade contemporânea apontam na direção de um profissional que integre de forma harmônica: conhecimentos, habilidades e atitudes.

## **O CORPUS DE AMOSTRAS DE DISCURSOS**

Este estudo foi o resultado das indagações levantadas após a aplicação de oficinas de leitura e escrita aos alunos do Curso de Agronomia do PRONERA, que estão em formação, através do Projeto de Extensão: “A leitura e a escrita no PRONERA: das palavras à vida”. Projeto esse, solicitado pela coordenação do programa ao colegiado de letras da Universidade Estadual da Bahia ( UNEB), Campus IX – Barreiras. Na oportunidade, o colegiado solicitou que as professoras pesquisadoras elaborassem um projeto de pesquisa que contemplasse e /ou amenizasse as dificuldades encontradas pelos discentes em relação a proficiência na construção coesa e coerente de textos. A priori, foram selecionados dez monitores do curso de Letras de diferentes semestres, para que os mesmos a partir do projeto maior, e sob a orientação das professoras coordenadoras da pesquisa, efetuassem a elaboração e a aplicação de oficinas de leitura e de escrita voltados ao Ensino Superior, no caso, para o Curso de Agronomia.

Após algumas oficinas e reuniões reflexivas, percebeu-se a necessidade de trabalhar a construção de parágrafo. Para isso, foram designados dois alunos de Letras (monitores) para a escolha do tema e do texto guia (doravante designado de TG) que instigasse a confecção dos parágrafos pelos alunos do PRONERA. Para a nossa análise, faz-se necessário transcrever o parágrafo:

Agricultura Familiar (07/12/2004)

Alberto Duque Portugal

A chamada agricultura familiar constituída por pequenos e médios produtores representa a imensa maioria de produtores rurais no Brasil. São cerca de 4,5 milhões de estabelecimentos, dos quais 50% no Nordeste. Alguns dos produtos básicos da dieta do brasileiro como o feijão, arroz, milho, hortaliças, mandioca e pequenos animais chegam a ser responsáveis por 60% da produção. Esse segmento tem um papel crucial na economia das pequenas cidades – 4.928 municípios têm menos de 50 mil habitantes e destes, mais de quatro mil têm menos de 20 mil habitantes. Esses produtores e seus familiares são responsáveis por inúmeros empregos no comércio e nos serviços prestados nas pequenas cidades.  
(Fragmento de texto extraído do site: <http://www.embrapa.br> em 28/04/2011)

Antes da produção, foram feitas as devidas análises de parágrafos, bem como a análise da unidade de ideias abordadas em cada bloco textual. No final, foram feitas vinte e cinco produções. Dessas, selecionamos algumas amostras dos discursos dos alunos de forma que possam trazer percepções tanto quanto possível em contribuição ao discurso da prática social do pequeno produtor rural – aluno do PRONERA como também detectar as dificuldades na elaboração de textos.

- A1:** *À Agricultura Familiar, no entanto, não foi lhe dada seu respectivo valor, pois o modelo adotado pelo Brasil não atende às necessidades do Agricultor Familiar em sua pluralidade. O acesso aos programas de financiamento do crédito para melhorar a produção Agrícola dessas famílias são direitos que não saem do papel por conta do processo burocrático quando é para pequeno Agricultor mas que para os grandes do Agronegócio, certas burocracias deixam de existir.*
- A2:** *O Brasil apesar de ser um país de grandes latifundiários e ser o berço do agronegócio onde parte da produção são exportados, vivemos em realidade diferente pois apesar dos investimento para agricultura familiar ser mínima, somos responsável ainda pelas gerações de emprego e alimentar a nação colocando comida na mesa dos brasileiros que depende do nosso dia-a-dia.*
- A3:** *Pois, nem mesmo o descaso que os governos tem com os mesmos são motivos para que eles deixe de se organizar e desenvolver suas atividades , e continuar alimentando a nação, no entanto, ainda é pouco os investimentos para esses produtores, que além de ser o minimo possivel ainda há imensas dificuldades ao acessar a sua pequena fatia de credits, será que é pouco o que já se tem feito?*
- A4:** *A Agricultura Familiar é de suma importância para todo o país, pois além de oferecer produtos ideal para o consumo humano, seus familiares são responsáveis por inúmeros empregos no*

*comércio e nos serviços prestados nas cidades. Embora todos estes trabalhos não sejam reconhecidos a agricultura familiar se destaca como fonte principal de toda uma cadeia produtiva.*

- A5:** *No entanto, apesar destes agricultores serem responsáveis por uma parte considerável da produção no nosso país nota-se a falta de políticas públicas que venham incentivar novas técnicas da produção, como o manejo integrado de pragas e conseqüentemente o aumento da produtividade.*
- A6:** *Assim a agricultura familiar é responsável por 60% da alimentação brasileira, porém o setor financeiro não dá a devida oportunidade de crédito necessário, alavancando o crescimento e desenvolvimento do campo incrementado tecnologia, as quais já disponíveis no mercado, porém só os grandes produtores têm acesso. A falta de crédito rural para a agricultura familiar encarece o produto final e a renda apertadíssima dos mesmos. Contribuir para exodo rural, aumentando a desigualdade nas grandes cidades.*

Diante do corpus acima exposto, faremos uma análise do discurso dos alunos, considerando o uso da linguagem na concepção de Fairclough (2008) em que o uso da linguagem é considerado como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. Isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira. Nesse sentido, Fairclough salienta a importância da discussão de Foucault sobre a formação discursiva de objetos, sujeitos e conceitos. O discurso contribui para todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado, como declara Fairclough (2008, p. 90-91).

## **O ETHOS SOCIAL**

A partir dos discursos acima elencados, em que os alunos do PRONERA expõem suas ideias, os textos acabaram sintetizando o seu *ethos* social. Para Fairclough (2008, p. 209), o conceito de *ethos* constitui um ponto no qual podemos unir as diversas características, não apenas do discurso, mas também do comportamento em geral, que levam a construir uma versão particular do “eu”, neste caso, do “eu social”. Para o autor, o *ethos* é, então, manifestado pelo corpo inteiro, não só pela voz. Bourdieu (1984:

Capítulo 3 *apud* Fairclough, 2008, p. 208) sugere que a linguagem seja considerada como uma “dimensão da *héxis* corporal na qual a relação global da pessoa com o mundo social é expressa”.

Trata-se daquele *ethos* construído pelo destinatário/co-enunciador, como resultado direto da imbricação entre um *ethos* pré-discursivo e um *ethos* discursivo (dito e mostrado), com a associação de *estereótipos* em circulação em determinada cultura e em determinado momento histórico, nos quais se apóia a figura do fiador, que estabelece, através de sua fala, certa identidade que deve estar em concordância com o mundo (a cena de enunciação) que ele faz emergir em seu discurso e que, por conseguinte, necessita validá-la ao mesmo tempo em que a constrói. (RODRIGUES, 2008, p. 204)

A partir da definição de *ethos*, analisaremos certos aspectos da coesão textual e das estruturas frasais nos respectivos *corpus*. Esse procedimento é utilizado por Fairclough (2008) que nos fornecerá um meio de olhar para a espécie de argumentação que é usada e a sua vez, nos dará alguma percepção do tipo de identidade social que é construído na voz aluno-PRONERA e o *ethos* que ela contém.

## OS CONECTIVOS NOS PARÁGRAFOS

Neste estudo, os alunos-monitores de Letras apresentaram um enunciado E<sup>1</sup>/TG destinado a fazer admitir um outro, E<sup>2</sup>, elaborado pelos locutores (alunos do PRONERA). Na construção destes enunciados, percebemos a constante presença de conjunções argumentativas: em **A1** – ‘no entanto’ e ‘mas’; em **A2** – ‘apesar de’; em **A3** – ‘no entanto’; em **A4** – ‘embora’; **A5** – ‘no entanto’; **A6** – ‘porém’ (duas vezes).

Vamos tratar a concepção semântica de cada conjunção dentro do enunciado, pois, segundo Maingueneau (1997, p. 161), ao citar os estudos de Ducrot e de Anscombe,

um enunciado é composto de palavras que para as quais não é possível fixar nenhum valor intrínseco estável (...), seu valor semântico não residiria, pois, em si mesmo, mas apenas nas relações que estabelece com outros enunciados, enunciados estes que ele está destinado a admitir ou aqueles que são supostamente capazes de por eles serem admitidos.

Para fazermos nossas análises sobre os conectivos argumentativos acima elencados, utilizaremos as discussões de Fairclough (2008), de Maingueneau (1997) e de Garcia (2004). Os locutores (A1, A2, A3, A4, A5 e A6), ao argumentar, apresentam uma enunciado destinado a admitir um outro (no caso, TG). Ao utilizar A a favor de

uma conclusão C, não significa que A é dito para que o destinatário “pense” C, tampouco que conclua C. Na realidade, ele apresenta A como *capaz de conduzir o destinatário a concluir C*, como razão para acreditar em C. É constitutivo do sentido de um enunciado pretender orientar a sequência do discurso em certa direção, reivindicar um certo limite *que impõe ao destinatário através de sua própria enunciação* como defende Maingueneau (1997, p. 162).

Vamos tentar estabelecer isso examinando os participantes: aqueles que estão participando nesses textos como parte de uma prática discursiva, e aqueles que trabalham com a agricultura familiar, cujo resultado do trabalho efetuado está sendo descrito. Os primeiros são (1) leitores do texto e produtores do segundo enunciado argumentativo – os alunos do PRONERA – pequenos e médios produtores; e (2) o produtor do TG, identificado por Alberto Duque Portugal. A relação entre os leitores como participantes do discurso e os pequenos e médios produtores rurais – alunos do PRONERA – é óbvia: os primeiros são os que estão no segundo grupo e atuam como co-autores do primeiro grupo.

Em todos os enunciados elaborados pelos alunos do PRONERA, percebemos o TG como verdadeiro, tanto que alguns dados do mesmo são retomados na elaboração dos parágrafos argumentativos: *somos responsável ainda pelas gerações de emprego e alimentar a nação colocando comida na mesa dos brasileiros que depende do nosso dia-a-dia (A2); (...) e continuar alimentando a nação... (A3); A Agricultura Familiar é de suma importância para todo o país, pois além de oferecer produtos ideal para o consumo humano, seus familiares são responsáveis por inúmeros empregos no comércio e nos serviços prestados nas cidades (A4); (...) destes agricultores serem responsáveis por uma parte considerável da produção no nosso país... (A5); a agricultura familiar e responsável por 60% da alimentação brasileira (A6)*. Nesses períodos, bem como no TG, percebemos claramente uma concepção positiva da Agricultura familiar e dos benefícios da mesma para o progresso do país. Nas informações explícitas, há outra implícita, a de que a Agricultura familiar é extremamente positiva. Uma crença compartilhada tanto por E1 quanto pelos seis E2. Nos E2, há apenas um reforço do que é afirmado em E1.

Os textos E2 que, através de seu movimento, instituem um argumento mais forte. Em **A1** – ‘no entanto’ e ‘mas’; em **A3** – ‘no entanto’; e em **A5** – ‘no entanto’; **A6** – ‘porém’ (duas vezes), são conectivos argumentativos que ligam dois atos distintos. Em A1 e A5, os conectivos “no entanto” aproveitam as ideias do TG para inserir um argumento mais forte, a de que não foi dado o respectivo valor à Agricultura Familiar e a falta de políticas públicas que incentivem novas técnicas da produção. Argumentos



esses que encerram uma mesma ideia – a da falta de valorização e conseqüentemente, incentivos à Agricultura familiar. Em seguida, em A1, o *mas* argumentativo liga, com sentido opositivo, as vantagens obtidas pelos grandes produtores em detrimento às não vantagens obtidas pelos pequenos agricultores. Em A3, apesar de o conectivo apresentar-se no meio do parágrafo, não se diferencia, pois a ideia contida no TG é retomada. O conectivo tem a mesma função dos outros, de inserir um argumento mais forte: *Continuar alimentando a nação, no entanto, ainda é pouco*. O mesmo ocorre em A6 – o discurso do TG é retomado para, em seguida, ser ligado pelo conectivo “porém” a um argumento mais forte.

Esses conectivos analisados são apenas alguns dos elementos da classe dos conectivos concessivos. A concessão nos parágrafos acima estudados constitui, como vimos, um movimento argumentativo mais forte em favor da conclusão inversa. Deve-se distinguir entre a concessão *lógica*, dos conectivos ‘apesar de’ e ‘embora’ e a concessão argumentativa especificada nos exemplos acima. Na segunda, os enunciados ligados estão orientados em direção a uma conclusão, enquanto na concessão lógica não se pode falar de “orientação” argumentativa, mas de relação de causalidade, de inferência entre proposições que denotam fatos. Nesta perspectiva, em A2, o primeiro período, ‘O Brasil ser um país de grandes latifundiários e ser o berço do agronegócio **implica em não** viver uma realidade diferente. O mesmo ocorre no segundo período, *os investimentos para agricultura familiar ser mínima **implica em não** ser a agricultura familiar responsável ainda pelas gerações de emprego e pela alimentação da nação, colocando comida na mesa dos brasileiros que dependem do dia-a-dia do pequeno agricultor*. Em A4, todos esses trabalhos não serem reconhecidos **implica em não** a agricultura familiar se destacar como fonte principal de toda uma cadeia produtiva.

Essa distinção entre concessão lógica e argumentativa não corresponde a um recorte da realidade entre fatos e orientações argumentativas, mas *a modos diferentes de apresentação do discurso*: é o conectivo que decide a interpretação pertinente.

Em síntese, de acordo com Fairclough (2008) uma análise da coesão nesses exemplos permite que se observe o seu modo de argumentação e de racionalidade e, assim, permite a observação de como a voz e o *ethos* do pequeno e médio agricultor estão construídos no texto. Generalizando com base nesses exemplos, os tipos de textos diferem nas formas de relação que são estabelecidas entre suas orações e nas formas de relação que essas relações favorecem.

O foco principal neste capítulo esteve voltado para aspectos da análise de texto que se relacionam com a função ideacional da linguagem e com os sentidos ideacionais

– ou com a ‘construção da realidade social’ do produtor da Agricultura familiar. A ênfase, portanto, está no papel do discurso na significação e na referência, em que o primeiro compreende o papel do discurso em constituir, reproduzir, desafiar e reestruturar os sistemas de conhecimento e crença de apenas existir um lado positivo na agricultura familiar.

## **FINALIZANDO: O DISCURSO COMO PRÁTICA SOCIAL**

Com as análises acima, percebemos, parafraseando Fairclough (2008) que o discurso é socialmente constitutivo. O discurso dos produtores da agricultura familiar e da Embrapa contribuíram para a constituição das dimensões da estrutura social que engloba o governo, o grande e o pequeno produtor. Essas estruturas, direta ou indiretamente, moldam e restringem os discursos: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, explícita nos enunciados, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significados.

A prática discursiva é constitutiva tanto de maneira convencional como criativa: contribui para reproduzir a sociedade como é, mas também contribui para transformá-la em suas mais variadas dimensões: identidades sociais: governo, pequeno e grande Agricultor; relações sociais: o descaso do governo com os pequenos e médios agricultores em detrimento aos grandes; sistemas de conhecimento: estudos agronômicos (PRONERA) e político (assentamentos organizados) e crença: a mudança é possível através do próprio discurso.

Fairclough (2008) sugere que as práticas discursivas são investidas ideologicamente à medida que incorporam significações que contribuem para manter ou reestruturar as relações de poder. O autor enfatiza que nem todo discurso é irremediavelmente ideológico. As ideologias surgem nas sociedades caracterizadas por relações de dominação com base na classe, no gênero social, no grupo cultural, e assim por diante, e, à medida que os seres humanos são capazes de transcender tais sociedades, são capazes de transcender a ideologia. Tomamos seis discursos que se contrapõem à ideologia dominante. São discursos revestidos de um *ethos* social inconformado com as desigualdades de investimentos e de apoio na Agricultura brasileira. Um *ethos* constituído de discurso, de pessoas, de vozes, de movimentos e de

muita luta. Luta essa que transparece nas vozes como verdadeiras práticas sociais, gritando pela efetiva mudança em seu meio social.

Porém, para que essa prática realmente se efetive, há necessidade de inserir-se componentes de leitura e escrita nesses cursos de bacharelado. Infelizmente, percebeu-se que devido ao curso ser direcionado à área agrônômica, as atividades de leitura e de escrita não obtêm a importância devida. Esse fato não ocorre somente no curso e no público em questão, mas em várias esferas das ciências exatas. As dificuldades (latentes) observadas nesses futuros profissionais só serão sentidas pelos mesmos quando houver a necessidade imperativa de colocar sua competência lingüística no papel e assim, fazer-se ouvir. Nesse instante, é que os alunos serão capazes de perceber que a leitura e a escrita são competências tão imprescindíveis quanto à prática no curso.

Nesse propósito, é papel da Universidade - uma vez que é responsável pela formação de seres pensantes, capazes de uma ação transformadora e consciente - empenhar-se para garantir a formação de leitores que valorizem a leitura como forma de comunicação social e de expressão pessoal e social, propiciando uma educação que considere o processo de formação humana, que construa referenciais culturais e políticos para intervenção das pessoas e dos sujeitos sociais na realidade. Tudo isso através de um discurso que traduza totalmente o *ethos* pessoal e social do grupo e, o mais importante, que essas vozes sejam ouvidas.

## REFERÊNCIAS

AQUINO Rubim. S.L.; LOPES, Oscar G.P.C; LEMOS, Nivaldo J.F.. *Fazendo a História: As sociedades americanas e a Europa na Época Moderna*. Ao livro Técnico, 1986.

ALARCÃO, I. *Reflexão crítica sobre o pensamento de D. Schön e os programas de formação de professores*. IN: \_\_\_\_\_. (Org.). *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Porto: Porto Ed., 1996a. p. 11 – 39.

APPLE, Michael W. *Ideologia e Currículo*. São Paulo: Brasiliense, 1982

\_\_\_\_\_. *Educação e Poder*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, 2008 (reimpressão).

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, - 7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 24. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 10. ed. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1976.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes: Universidade Estadual de Campinas, 1997.

RODRIGUES, Kelen C. *Em pauta o conceito de ethos: a movência do conceito da retórica aristotélica à sua ressignificação no campo da Análise do Discurso por Dominique Maingueneau*. Signun: Estud. Ling. Londrina nº 11/2, p. 195-206, dez. de 2008. Disponível em: [www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/download/3056/4674](http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/download/3056/4674). Acesso em: 09 de junho de 2011.